

ÁGUAS DOS OLHOS DE DEUS

DIEGO & DITO BENEDITO



#ésobrenós
EDITORA

Ficha Técnica

©Diego & Dito Benedito, 2021

Título: Águas dos olhos de Deus

Autor: Diego & Dito Benedito

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: Franciscobeneditomucamba@gmail.com

Instagram: @Diego.satn / @ditobenedito_escritor

Facebook: @diego / @ditobeneditotal

Edição e paginação

Dito Benedito

Design de capa

Hélder Maiato

Revisão

Diego | Dito Benedito

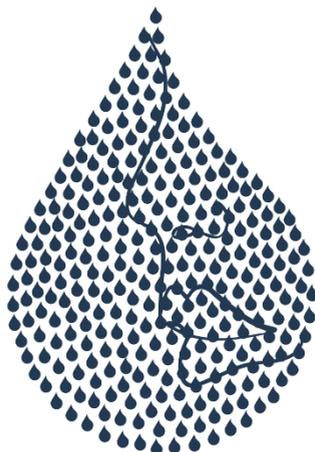
Marketing e publicidade

Ésobrenós Editora | Lucas Cassule

Conselho Editorial

Telmo Pires | Áurea Assíduo | Daluka | Lucas Cassule

É expressamente obrigatória a discussão e a reprodução dos excertos que compõe este trabalho. Se o leitor achar-se incapaz, tem todo direito de o abandonar e provar o seu obscurantismo.



ÁGUAS DOS OLHOS DE DEUS

Luanda às 17. Mês de Abril e clima cinzento. Restos de chuva lá fora, pingos silenciosos no teto que não existe. Uma música de fundo. É o Sinatra no seu melhor. E pelas janelas, o sol que veio e foi, as águas dos olhos de Deus banhando as vidraças. Um silêncio quase tumular que paira, um copo que está a meio. Umhas pedras de gelo flutuando, umas pernas cruzadas. É uma mulher que fuma. E estamos nós em Luanda, às 17 tão perto das 23. O mês é o Abril, e lá fora, os restos da chuva sobrando. Toca uma música no fundo, o Sinatra com aquela voz num silêncio de túmulo que não se percebe. E a mulher balança a cabeça com os olhos fechados. ok

tatuado no ombro. Datas de nascimento e morte do seu avô de infância no pulso esquerdo. Arte Pura a sua frente num gigante letreiro com luzes que piscam e lhe dão cor no sonho que vai tendo. Mas não dorme. Sonha acordada. E balança, balança, quase que não existe no mundo dos vivos que nascem e morrem, pois o copo a meio lhe rouba a lucidez, e o cheiro demasiado ácido que dele advém desmente qualquer ilusão de crença, qualquer céu que se encha de misericórdia e que nos seja, ainda assim, impossível de tocar com os dedos, qualquer terra calcada, pisada por pés humanos.

O cigarro, entretanto, lhe beija a boca. A chuva lá fora... tão perfeitos os pingos inaudíveis, tão perfeito o medo surdo e mudo, a sensação de que chove lá fora e não aqui, fora de nós o sofrimento alheio dá conforto, o sol que vem e vai, a lua que caminha para abraçar-nos... tão perfeita a verdade de que o mundo inóspito, tão pesado e avassaladoramente sem sentido, sem explicações, traz consigo, no final de tudo, almofadas que nos aconchegam a nuca. Tão

perfeita a Arte Pura. Tão perfeitos somos nós quando a verdade nos é entregue. Dois homens dançam. Tão perfeitos os dois, como tão perfeito é fechar os olhos e deixar-se morrer pela vida que sabe que tem de bandeja. Os homens que dançam são vários, sem a camisa, de tanga, suando o peito. E dançam abraçados à melodia do Sinatra que pouco entendem. O cigarro, por essa altura, no canto da boca, encurta-se até que morre. O fumo paira, rodopia, encosta-se à nascente da luz numa lâmpada despida do candeeiro que estoirou. Quem de nós pensa que as pálpebras da mulher deixaram de estar cerradas, engana-se por completo, estava morta ora aí está, a vida pertencia ao copo que, por disciplina, por costume cego herdado dos homens de carne e osso, seguia o ritmo natural das coisas. Um trajeto, que pela pequena embriaguez, era já longo diga-se de passagem, era lento, mais demorado, num movimento mórbido, é curioso, como se adoentados estivessem os braços e pernas. Mas chegamos sempre ao sítio aonde nos esperam, tem razão o grande

Saramago. Por isso, a pretexto de lhe molhar a boca, perdeu a vida, num desespero sem vozes, a secura de garganta a golpes impiedosos. E os homens dançam, continuam, numa espécie de fila em completa desordem, sem tempo sequer de estruturar um raciocínio coerente, dançam e num idioma que não é o deles. E o copo com sangue descansa com as pedras flutuando. Dona Verónica de Azevedo, é este o nome, morre e morre cada vez mais, em terra leve e abençoada pela água dos olhos de Deus. Até que batem na porta. E os olhos, subitamente, se abrem e ressuscita para os vivos, a morte ia-se embora. E entrava uma mulher gorda e sem elegância numa pressa que se continha, falou ao ouvido de Verónica e esta, muda-se da expressão afável e berra, no longe, aos homens a sua frente que estão dançando:

— Vistam-se e vão-se embora.

Assim se levantou, deu um último gole, mais demorado, com os olhos bem abertos e a vida a lhe ferver por dentro. Enquanto morria o

Diego

copo inocente do infortúnio, um dos homens que apanhava as roupas espalhadas pelo palco, por que cargas de água não se saberá dizer, levantou a mão em sinal de brando protesto e disse:

— E como fica o nosso pagamento?

Verónica de Azevedo, pousando o copo e olhando para o homem de maneira estranha, imprópria dir-se-á, um olhar impiedoso, invasivo, fixamente sem se mover, encostando a pouco e pouco, fazendo abrir a carteira sem que o olhar por lá percorresse, fez sair duas notas de cinco, enrolou-as muito bem e as colocou nas cuecas do homem, que visto de mais perto, engolia nilos de salivas e tremia as mãos num tormento. E então disse:

— Está demitido. Pela pressa. Espero que ela lhe ajude lá mais a frente.

E desaparecia do Arte Pura com os pés descalços e o isqueiro na mão.

Na sala privada, já bem longe do Sinatra, um telefone toca numa melodia arrepiante. Ninguém atende. A mulher gorda e deselegante, com o cabelo duro e mal penteado, rói as unhas como quem é engolido por uma ansiedade de angústias sucessivas. Há um homem, ou quase, de cara rapada, botão do colarinho abotoado, sem laços, sem gravata, olha apenas esfregando os dedos e engolindo salivas sem estremecer um músculo. Ai dele se se pusesse agora aos gritos como é comum ver-se, a patroa anda impaciente e detesta paneleirices. Falando em Verónica, cá está, pousando o isqueiro numa firmeza de tronco, de frente à melodia arrepiante, endireitando-se do puxinho com um elástico de kinguila, um suspiro que vem de longe, uma inquietude, que embora tente, embora quase consiga, não lhe rouba nem pingos da coerência e coragem que diz herdar de seu avô. Atendeu. A melodia dissipou-se:

— Quantos morreram? (perguntou ela)

— Só o motorista se safou, patroa.

Diego

— E quanto sobrou? (tornou a perguntar mordendo os lábios)

Primeiro um silêncio. Depois uma resposta aos soluços pela instabilidade na rede móvel:

— Nada, não sobrou nada.

E desligava a chamada. Quando surgiu uma camionete, antes da chuva, com um homem lá dentro. Uma Chevrolet escura, na verdade. Os homens eram cinco no total. Todos fardados, todos, na aparência, com temperamento inflamado e palitos na boca. Um dos homens, agora há pouco, sacava do colete um isqueiro e o outro implicava-se com os maus costumes.

— Tanto sol e você só pensa em aumentar chamas, avilo? Não te basta a quentura que te dá Deus?

E o que vai na frente conduzindo, crente por sinal, ajeita o retrovisor e aumenta o volume no rádio.

Diego

— O sol de Deus nos aquece o corpo, o meu cigarro aquece a alma, companheiro. (respondia e soltava de seguida um fumo grande que viajava de encontro às nuvens)

— A alma não é coisa para lhe deitar lume oh homem. Se queimar, o espírito foge.

— O problema é que homens como eu não têm um espírito só, têm vários dentro de si. Se um foge, os outros lhe zombam a burrice de deixar o Éden que há em mim.

— Calem as bocas. (ouviu-se o condutor).

A primeira voz calou-se. A voz dos espíritos vários sorria, um daqueles risos de brevidade irónica, depois, a última baforada no cigarro, o último fumo perto das nuvens, e só mais tarde, o silêncio inevitável depois de um ou dois suspiros mornos hospedava-se em seu ser como pássaros em ramos leves, um silêncio como o de Deus que habita a humanidade. E em verdade anunciamos, era como se alguma coisa se tivesse modificado numa voluntariedade com venda nos olhos, como se

os homens apreciassem agora, quase que numa força maior que a deles, a uma paisagem que sempre existiu, sempre lá esteve. Não em Zé-pirão, não as mortes de Américo Boa-vida e Neves Bendinha. Uma paisagem, antes, interior. Um retrato da nudez da alma própria. Sem cor, sem voz. Uma pedra só. Encostada. É isso que o silêncio faz. Calamos e, subitamente, o mundo ganha respiração. E Deus sabe. Por isso se calou. Para que vivamos. E entretanto seguia-se a viagem num cinzento à margem do que lhes era permitido supor. Com as notícias no rádio, o sol de praia, a buraca pela estrada, os homens com a farda, e numas caixas de aço lá no porta-malas, mais de vinte milhões em dinheiro vivo de encontro ao Banco Espírito Santo. A Chevrolet parou no meio da rua com gente e buracos. Duas motorizadas aproximam-se. Na retaguarda, outras duas. O primeiro tiro soou e os pneus todos estavam esvaziados num zumbido que dispersou homens e mulheres com a mão na cabeça. O segundo tiro não tardou muito mais, soou e a voz dos espíritos foi-se, tão

subitamente como lágrimas, de encontro ao criador. Aos da retaguarda juntaram-se outros cinco, disparando em todos os cantos. Já o porta-malas estava aberto, já outra Chevrolet escura surgia e transportava para o seu interior as caixas de aço. A primeira voz calou-se com uma bala na testa. A pedra, coisa de que é feita a alma dos homens, partia-se sem almofadas que nos aconchegassem a nuca. Quantas são as vozes que nunca chegamos a ouvir? Duas, para este caso. Mas infinitas são na verdade das coisas. Várias pelo mundo. Silêncios eternos. E agora os corpos no chão, o sangue escorrendo no canto da boca, os espíritos sem o éden. Quando foi a vez do condutor, este ajoelhou-se num desespero de borrar as calças, juntou as mãos, e chorava umas lágrimas que dava vontade provar. Pai nosso, tu que estás nos céus, tu és o Deus de Isaac, o Deus de Jacob e és Deus até aos dias de hoje, santificado é o teu bom nome... (negociava o homem aos prantos como uma alma de um espírito só). Assim na Terra como... nos céus, livra-me do mal. E soou o tiro. Ao alto. O

homem estava vivo e a rua deserta. Sem as notícias, sem o sol, e sem o Banco Espírito Santo.

Só um coveiro e uma lanterna entre as covas, montes de mortos revirando as tumbas, o som dos grilos, o coveiro assobiando Burity com uma espécie de bengala apoiada, chamam-me Gaspar, se queres saber. E um outro homem que ajeita a colcha, com as pernas de fora e preparando-se num à vontade para dormir a sesta. O nome, é Afonso, mas chama-me o quiseres se te apetece. Gaspar aproxima-se de Afonso, já lamentando com a cabeça no longe e fala-o naquela voz de velho:

— Afonso, Afonso, você sabe que não pode passar a noite aqui, não sabe? Essa é a casa dos mortos, não a sua.

— Eu sei, velho Gaspar, eu sei, mas são só às terças, e fora que não incomodo ninguém aqui.

— Ai, Afonso, você é ainda mais esquisito que eu que larguei a tropa para ficar perto da minha mulher. Ex-mulher. Estávamos preparando o

Diego

divórcio quando a tuberculose assinou os papéis primeiro que nós.

— Você não é diferente de mim, velho Gaspar, ninguém é diferente de ninguém.

Agora desliga-me essa lanterna que estou morrendo de sono.

— E para quê esses remédios todos? Para ganhar coragem?

— É diclofenaco para a dor nos ossos. Coragem já tenho de sobra.

— Ahm, dor nos ossos, estou a ver. Aproveita e dê um bocado ao seu irmão que bem precisa.

Afonso destapou-se da colcha, suspirou e questionou o velho:

— Por que ainda está aí parado? Essa luz me incomoda os olhos, oh velho.

— É que está um carro parado lá fora, chamam por ti.

Diego

— Santo Deus, você é insuportável, oh Gaspar, e cada vez mais. Por que não disseste logo de uma vez?

— O cemitério ensina-te a arte da paciência. Pressa é para os vivos. E eu tão pouco sou.

— Pois. Diga-lhes que já venho.

— Eu digo sim. Foi bom te ver, amigo. Até na terça que vem. (e sorriu, um daqueles sorrisos de velho que tudo sabe).

Enquanto sumia-se o velho assobiando Burity e apoiado, afinal de contas, a uma pá de terra numa lentidão pelas poucas luzes de Benfica, Afonso, vivo que é, tinha pressa. Demasiada pressa. Comum entre nós. Todavia, antes que deixasse a casa dos mortos, teria mais ou menos quatro missões por cumprir. Primeiro, a de dobrar a colcha e escondê-la. Depois, ajeitar o fino paletó que traz vestido e assim, fazer sumir os capins que surgiam um pouco pelos cotovelos e rabos. Depois chorar umas quantas lágrimas na campa do irmão, e por fim, deixar ficar três flores e fazer-se à estrada.

Fê-lo, de facto. Porém, as lágrimas não lhe caíram, é evidente. Não é a casa da mãe-joana em que se vai bater à porta e nos recebem com um sorriso largo, de par em par, maior que a boca. Não. Águas dos olhos são coisas sérias e de respeito. Exigem de nós uma certa proeza teatral. Um certo sofrimento repentino. Não é à toa ter o olho pingando. Mas... em compensação, as flores eram cinco e o paletó estava impecável de limpeza. Saía envaidecido, fechando os portões num estrondo, e Gaspar, que comia a janta, nada se incomodou com o rosar das portas. Sabem quem se incomodou? Aliás, quem muito se espantou? Verónica. Isso mesmo. Em Arte Pura. Afonso era um dos bailarinos de tanga branca. Sentado no chão do palco, não mais o Sinatra tocava nessa altura, não mais os colegas estavam. E Verónica espantava-se, espantava-se muito.

— O que você faz aí?

— Eu?

— Não há ninguém além de você.

Diego

— Diferente dos outros, eu decidi ficar. Era para me certificar de cá estar quando você voltasse. Saber como estava, se tudo vai bem.

— Então por quê?

— Porque me pareceu esquisito, para dizer o mínimo, a forma como saiu. A Verónica nunca fica assim em dias normais.

Olhou para ele. E este continuou:

— Uma pessoa como você, que só me tem feito bem, não me perdoaria se ao menos não tentasse, fosse o que fosse, qualquer esforço ao meu alcance para tentar ajudá-la.

Verónica deixou-se estar. Quieta. Ouvindo. Mudando de cor pelas piscadelas das luzes no letreiro. Segundos depois, devolveu os pés descalços aos chinelos de marca e reconduzia a conversa com ar de meia perplexidade:

— O que uma pessoa como você me pode oferecer? Dinheiro, poder?

— Prazer.

Diego

— O que é prazer?

— Poder. Você sabe.

Uma pausa. Novamente um espanto. E perguntou:

— Qual é o seu nome?

— Rui.

— Rui. Que nome horrível. (disse retirando em aleatório um cigarro) Tem sobrenome?

— É Rui Azevedo.

— Azevedo. Azevedo já não é mau.

— É por parte de pai.

— Sou capaz de lhe dar uma chance, só para ver do que é capaz e aonde pode chegar com uma piada dessas.

E fumou o cigarro do gozo que lhe deu, quando, Afonso Rui, ou como lhe quiserem chamar, levantava-se e recebia da boca de Verónica o cigarro aceso para beijar o fumo

que não soltou. Tocou-lhe a cintura numa mão invisível, uma autorização cedida ausente de ecos, falou-lhe ao ouvido, sussurro arrepiante como o dos apaixonados na flor quando tudo arde, quase que se ouviu do outro lado da página, levo-te não para tão longe, à lua que bem conheço à distância de um sim de cabeça. Neutralizada em completo, deixava-se a senhora levar pelo homem que surgia do nada, que, pelo que vemos, escapara sempre de sua minuciosa atenção. Um presente dos deuses, um banho de misericórdia que lhe abria agora a porta do carro. Do seu próprio em preto e branco e com o escape barulhento. Sentou-se no banco de condutor e disse em voz segura:

— O cinto, por favor.

O destino? Era a casa de um dos dois. Percebe-se logo de qual se trata pelos livros nas estantes, pela *Madame Bovary* do Flaubert na cabeceira da cama, debaixo da almofada com um terço enrolado, pelos versos escritos à mão pelas paredes, pela mão rústica que decora os móveis, pelas músicas velhas do

Diego

Brasil na caixa-de-som, há um prato com lasanha fria pelo balcão deixado às pressas, um vinho selado com o nome do Higino, e atirado ao sofá, um sutiã verde aos quadrados.

— Detesto este sutiã (diz ela) Quando uso é porque vai dar azar.

Afonso tocou-lhe, sentiu-lhe o perfume e perguntou de seguida:

— Existem sutiãs feios?

— O que você acha? (encostaram-se, cada vez mais perto um do outro)

— De que cor é o que usas agora? (disse-lhe ao ouvido)

— Azul (respondeu quase ofegante) Um azul mais escuro, como a noite. Você gosta?

— Gosto dos sem cor.

E Verónica, num tropeço de pouca ou muita vontade, tocava com as costas o interruptor e sumiam-se as luzes, as cores.

Diego

— Você não parou em nenhum vermelho dos semáforos.

— Você notou, o teu cheiro deixa-me impaciente (e tocou-lhe) Se quiseres, eu paro (disse)

— Não, por favor, continua.

E amaram-se. Loucamente. Perdidamente. Como em vida real. Quando o sol nasceu, haviam torradas num pequeno prato, uma chávena com chá e sumo de laranja sem açúcar. Verónica estava num banho demorado, sozinha. E em pesada recente memória, a imagem de Rui, ou de Afonso se nos apetece a superfície da verdade, indo-se embora, sem explicações, sem decência. Primeiro destrancou o cofre sabe Deus como, e a seguir, numa subtileza engenhosa, de lá retirou um envelope branco e correu a pô-lo no sovaco. E depois umas caixas, e depois uns sacos em cinzento. E vestira. Uma roupa incrivelmente impecável. Um paletó sem manchas. Quando terminou, deu um beijo no

rosto da mulher com um certo desprezo, e desceu as escadas do prédio assobiando uma melodia por ele familiar. Lá em baixo, surgia um carro, o mesmo da casa dos mortos. Nele entrou, contente, como nunca antes o tínhamos visto, e beijou o homem condutor na boca. Sem desprezo. Tudo isso viu Verónica dormindo, um sono profundo, sono real como o de toda a gente. Quando enfim despertou, nada se espantou com a posição dos móveis, com o cofre entreaberto, com o desaparecimento em mistério das caixas e dos sacos, apenas cobriu-se da nudez com uma toalha branca e foi de encontro ao renascimento que vem das águas. Saiu agora do duche, e vejam só como se comporta, uma postura decente, dona de si por excelência, calçando as pantufas, a pele ainda pingando, o cheiro do chá verde, das torradas, do sumo sem açúcar... as mãos enxugadas agora há pouco por uma toalha mais pequena, separou as cortinas, abriu as persianas, mirou o infinito azulado, sacou o primeiro cigarro para hoje, sorriu e então fumou. O fumo ia de encontro

às nuvens e o telefone tocava. Uma melodia tranquilizadora, interrompida por uma voz murmurando informações sobre aquele que aparecera e desaparecera como um relâmpago na sua vida, Afonso.

— Morreu? — perguntou ela, enquanto o outro, como nós, procurava um jeito de contar, que há uma semana, surgira no Arte Pura dois jovens desejando falar com Verónica. Nesse dia saiu da sala privada, após ter sido ressuscitada pela mulher gorda que falou-lhe ao ouvido.

Na poltrona do bar viu dois jovens, bonitos, com malas pousadas por cima das coxas, trajando ternos azuis, diferenciando-se apenas no tecido das calças. O jovem alto, de pele mais clara, usava jeans, enquanto o outro, o gordinho, uma calça bombazine, também azul. Não trajavam gravatas, estavam despidos de formalidades, talvez fosse apenas uma conversa casual ou estivessem à procura de emprego, normal para essa juventude, cansada, implorando o divórcio com o termo Kunanga.

Diego

Verónica aproximou-se com toda sua elegância disposta a ouvir a razão que trazia aqueles belos jovens ao seu bar.

— Somos agentes do banco, do espírito santo, viemos tratar de algumas situações que são do seu interesse. Chamo-me José Lourenço, o meu colega é o...

— João dos Santos, Sra. Verónica – concluiu o clarinho.

Verónica, ao longo dos 15 anos que tem como empreendedora, nunca vira banqueiros exercendo a função no seu bar, para ela eram todos clientes atraídos pelo bom Marketing e dispostos a desanuiar. Estranhou o facto e achou melhor dar ouvidos àqueles jovens para saber o que lhes trazia ali.

— Sim, como dizia – continuou o gordinho – constatamos irregularidades e acreditamos que há alguma fragilidade no sistema, factor que vem permitindo que maus agentes tenham acesso às contas dos nossos clientes.

Diego

— Percebo, e o que pretendem de facto? –
inquiriu Verónica.

— Pretendemos identificar os infratores, os
que têm manchado a imagem do nosso Banco,
para levá-los a responder criminalmente –
contou o clarinho.

— Como posso ajudar-vos nesse processo?

— Na verdade a senhora não é a única, nós
estamos a pedir a compreensão e cooperação
dos nossos clientes, pois é nossa
responsabilidade como agentes, garantir a
segurança da nossa gente.

— Como sabe – acrescentou o gordinho – nós
somos um banco com reputação lá fora, por
isso gostaríamos, ou seja, por isso lhe viemos
alertar, para que não leve os valores ao banco
por agora e levante a quantia que tem na conta
para facilitar o rastreio das pessoas que tiveram
acesso a conta da senhora.

— Mas isso é possível? – inquiriu Verónica.

Diego

— Claro que é! Basta dizer que pretende fazer um novo investimento – respondeu o gordinho.

— Só não responda algumas perguntas para não alarmar e chamar atenção dos suspeitos – acrescentou o outro.

— Está bem, assim procederei. É como disse o Eça, a prudência é o único passo que se deve dar na vida.

— Muito bonito Sra. Verónica, a propósito, quem é esse tal Eça? – perguntou o clarinho.

— Vocês leem alguma coisa? – replicou Verónica.

— Sim, nós lemos – responderam unísono.

— Então revejam as vossas leituras, e olha, muito obrigada por me alertarem, por agora penso que tenho outras responsabilidades por cumprir. Mais alguma coisa?

— Não, minha senhora, por agora é tudo, precisamos passar em casa do senhor Marcos

para saber como se sente depois de o termos ajudado com a questão do crédito – respondeu o gordinho e de seguida levantaram e tomaram o caminho.

Enquanto caminhava para a sala privada, Verónica lembrou-se do quão difícil foi construir o seu empreendimento, mostrou gratidão ao pai enfermo por permitir que a mulher se deitasse com outros homens em forma de comércio, reverenciou-o por se permitir passar vergonha de modo que a família escapasse da vida miserável; estimou a mãe por fazer o que gostava sem se ofender com os adjetivos pejorativos.

“Se quiseres algo procure, se te der prazer, faça e faça com gozo, não te ofendas se te chamarem arruinada. Arruinadas são elas, casadas com vagabundos que vivem uma vidinha que não lhes agrada com o anseio de caberem no clichê social aceitável” (dizia a mulher a quem Verónica demonstrou gratidão por esta deixar como herança uns quantos milhões na conta do espírito santo, dinheiro

Diego

que lhe permitiu dar os primeiros passos e crescer gradualmente como empreendedora).

No interior da sala privada, Verónica cogitou a possibilidade de os jovens serem meros farsantes, e tudo aquilo ser apenas um teatro, mas concluiu que não, pois se fosse, eles estavam a desperdiçar o talento que poderia engrandecer a nossa fraca dramaturgia.

Os jovens seguiram o caminho. Ao longo do percurso, o clarinho ligou ao seu informante:

— Brother, está tudo feito, a tua boss caiu feito criança.

— Não a subestimem, ela pode nos surpreender, ela parece uma onça... mas continuem, estão muito perto do nosso objectivo – disse a voz de quem estava na casa dos mortos, em Benfica, conversando com o pobre Gaspar, a voz de quem arquitetou o plano dos outros se fazerem passar por agentes do espírito santo.

Dois dias depois, naquela sexta-feira, o bando apareceu novamente no Arte Pura. Deixavam de ser uma dupla, era um quarteto, se somarmos bem, um quinteto com o motorista preso ao volante. A dupla com os rostos conhecidos foram ao encontro de Verónica, que estava na cozinha supervisionando os jovens que temperavam a caipirinha para a *Crazy Nigth* que se avizinhava. A mulher gorda surge novamente como boa informante e sopra aos ouvidos de Verónica que os jovens do dia anterior haviam regressado. Por ser algo importante, Verónica rapidamente dirigiu-se a esplanada e tão logo viu os dois agentes tomou a palavra:

— Queridos, estou muito grata por me terem informado e prevenido daquele desfalque. Ontem fui ao banco e fiz tudo conforme a vossa orientação.

— Nós percebemos e queremos agradecer a sua cooperação – disse o gordinho.

Diego

— Já agora, vão beber alguma coisa? —
perguntou Verónica.

— Não, na verdade estamos sem tempo,
ontem, após a saída da senhora, nós fizemos o
rastreio e conseguimos identificar os
malfeitores. Viemos dizer que já estão sob a
custódia da Polícia e a senhora está à vontade
para devolver o dinheiro ao espírito santo.
Agora a segurança é maior!

— Está bem, amanhã levo de volta.

— Amanhã será Sábado e nós não
trabalhamos aos finais de semana. Lá fora está
a camionete equipada, com dois seguranças
que farão a escolta dos valores até ao Banco.
Não queremos que volte a aturar as filas, e
acreditamos que a essas horas a agência esteja
cheia.

— Está bem, eu mando já buscar as sacolas
dos valores.

Verónica chamou um dos empregados que
seguiu-a até à sala privada. Passou-lhe as

Diego

orientações e este subiu à camionete acompanhando o bando.

Ao longo do percurso, enquanto os outros ouviam as notícias no rádio, o funcionário que até então nada falara, finalmente decidiu exercitar a fala e pediu ao motorista que parasse para que fosse, daquele jeito, desfazer-se da urina. No instante que abriu-se a porta para este sair, surgiram as motorizadas, os disparos e o telefonema à Verónica que agora aparece em grande plano, sentada na poltrona da sala privada sentindo vibrar no ar o Rock In The End. Puxa duas tragadas do cigarro que tem entre os dedos, o fumo penetra-lhe os pulmões, fazendo a sua mente bugar excitada à procura de um orgasmo momentâneo. Verónica mira para a Arte Pura tatuada na pele e vê os vestígios do arrepio que lhe percorre o corpo terminando no palácio dos seus pubes. Morde os lábios e atira a perna por cima da outra para conter a excitação no centro delas. Sacode o cigarro sobre o cinzeiro e vê as cinzas mergulhando aguardando a beata que antes de

Diego

ser jogada ao chão tem outro destino, os lábios carnudos do artilheiro que reclama a queutura.

— Porra, essa merda fode-me os lábios sem antes me penetrar os pulmões!

— De tudo que disseste ouvi apenas fode-me, e penso que é o que queres depois de teres cumprido com esmero a missão que te concedi – disse Verónica.

— Missão nada fácil para um inexperiente como eu.

— Precisavas me provar que tens colhões para o jogo que desejas mergulhar.

— Fui convincente?

— Foste melhor do que aqueles actores amadores... filhos de uma puta!

— Duas neste caso...

— Se isso te interessa, que seja, mas antes vem, toca esses lábios enrugados de eloquência, toca

Diego

esse corpo com as curvas da Leba e desfrute a reencarnação de Cleópatra.

— Calma Vera! Os rapazes ainda estão a aguardar por mim.

— Quais rapazes?

— Os que levaram os cadáveres. E, olha, disseram que os cabrões tinham ótimos rins.

— Cala boca Bill, desde quando esses desgraçados sabem distinguir bons e maus rins?... dá-lhes mazé os kwanzas para fumarem a liamba e viverem suas vidas.

O artilheiro, excitado pelo prazer ao perigo, saiu da sala privada, cobriu-se com o capacete e foi cumprir outra missão. Minutos depois, aquando de sua saída, Verónica deparou-se com Afonso, mirando-a com olhos malandros como se a estivesse aguardando há largos e prolongados tempos. Na verdade, para sermos sinceros, ele vinha disposto a cumprir o plano B, visto que o A falhara. O que sucedeu entre os dois, todos sabemos. Ora, o que não

sabemos é que após a escapatória, após o beijo que lhe aqueceu corpo debaixo do paletó, após a ternura no olhar, Afonso viu uma nova fase longe de Luanda e longe dos inimigos da revolução. Vislumbrou-se numa cidade tolerante, ao lado do seu amor, trocando beijos à luz do dia, nas ruas e bares com a certeza de que não sofreriam preconceito.

Com a cabeça pousada tranquilamente sobre o ombro de Bill, Afonso fechou os olhos. Tornou-se cego para a realidade exterior e iniciou uma viagem no seu interior. Como um mago vidente, Afonso visualizou um paraíso e uma vida repleta de várias experiências insólitas. Ora, infelizmente, para a sua pouca sorte, as suas doces ilusões foram interrompidas. É o paraíso uma ilusão? Sim é, diriam os céticos, mas deixemos para lá, resguemos a página, ou seja, pulemos a mesma e olhemos em frente, no meio da estrada. Surgiu de forma inesperada um gato preto que fez o Bill travar bruscamente. Tal movimento fez Afonso abrir os olhos e ver o felino com os olhos cravados nas luzes do farol. Instantes

depois, como se tivesse vindo cumprir um propósito, o animal correu para fora do asfalto e jogou-se no verde capim onde saiu um corvo que voou até a placa na beira da estrada indicando estar em Benfica, na direção da casa dos mortos, lugar que nos permite notar o valor da vida e traz respostas para as nossas profundas perguntas. Neste percurso, perto do cemitério, o cérebro arrastou-o para o óbvio e Afonso notou um fato inesperado a chacoalhar-lhe o curso da existência, uma reviravolta que ele menos esperava. Como um quebra cabeça, Afonso viu encaixar-se a última peça, viu a rainha dando o xeque-mate. De súbito o terror instaurou-se e o seu amor tornou-se no seu inimigo mortal.

Atordoadado, Afonso concluiu que percebera tarde, muito tarde que Bill, aquele a quem entregou o coração, fora na verdade o condutor da motorizada, o artilheiro que lhe poupou, mas tirara a vida de seus parceiros naquela súbita emboscada no dia ensolarado. Notou que o mesmo, com toda calma, o levava a conhecer um novo amor, quiçá, um novo

universo, carente de luz, repleto de vozes cantarolando eternos silêncios, na verdade, em verdades anunciamos, o acompanhava para o seu último destino.

O terror cresceu e num gesto repentino, Afonso abriu a porta da viatura em movimento e jogou-se. Seria a sua última queda, o último fechar de olhos, mas não foi. Afonso rolou por duas vezes e levantou, empoeirado, com areia no rosto, sacudiu e correu como quem foge do diabo, correu como quem se esqueceu do mundo. Enquanto corria disparado, ouviu-se o disparar de uma arma e viu-se uma bala na nuca, uma vida perdida, sangue derramado, milhares de sonhos em cinzas e um corpo correndo maquinalmente sem saber o destino. Não sabia ele, o corpo, mas sabemos nós, que Afonso, o cadáver, está agora junto de seu irmão, conhecendo a eternidade, vendo as águas dos olhos de Deus e sentindo o peso da terra, o peso da areia jogada por ele, Gaspar, que se habituara a vê-lo apenas às terças dormindo na campa do irmão. O coveiro que adora

Diego

conversar com os mortos por serem bons ouvintes e reveladores de segredos, tem agora o cadáver de Afonso para dar conselhos e manter a prosa que não mantiveram enquanto esteve vivo.

— Sim, o Afonso morreu! – respondeu o Bill após um largo silêncio.

— Muito bem meu amor, que horas regressas? – perguntou Verónica.

— Não regresso, parto para longe e levo comigo as caixas de aço e tudo que eu deveria trazer de volta.

— Não faças isso, Bill.

— Já o fiz, adeus.

O XEQUE-MATE

